



TRIBUNA Livre

14
JUNHO
1958

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

CHEFE DA REDACÇÃO: JOÃO BARBOSA DE MACEDO

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

Composição, Impressão e Redacção: LARGO DR. OLIVEIRA SALAZAR - TEL. 62113 - AMARES

FESTAS DA VILA

Decorreu ontem a Festa Religiosa com grande solenidade, que havia sido antecedida por pregações. A comunhão solene das crianças e a missa cantada a grande instrumental foram cerimónias importantes e de grande significação religiosa, mas a procissão foi o acto mais imponente.

Duas centenas de anjinhos e figuração alegórica, iam nela incorporados em impecável formação, bem como associações religiosas, andores vistosamente engalanados, tudo a denotar o zelo, desta devota gente, a Santo António.

O coro de virgens, sempre muito apreciado, marcou boa

posição neste número da Festa, que desde há muito bem honrando a terra.

Viam-se também incorporadas as autoridades civis e religiosas do Concelho e uma deputação dos Bombeiros Voluntários com a respectiva Banda, que abrihantou toda a festa dodia de hoje.

Prova ciclista

Hoje, ás 10 horas, começará a animar a Vila a interessante prova ciclista do circuito a Caldelas em três voltas (Feira Nova-Rendufe-Caldelas) com percurso aproximado a 50 kls.

A inscrição para esta prova custa apenas 15\$00 e dá direito aos seguintes prémios:

Taça José Pereira da Silva a conferir por equipas.

- 1.º no valor de 200\$00
- 2.º » » » 120\$00
- 3.º » » » 80\$00
- 4.º » » » 50\$00
- 5.º » » » 30\$00
- 6.º a 10.º, acessórios.

A passagem no Grande Hotel de Caldelas, serão entregues envelopes mistério aos concorrentes que ali passarem em 1.º e último lugares.

Nota-se grande entusiasmo por esta prova entre os ciclistas amarenses e de fora do concelho, visto esta modalidade desportiva ser aqui bastante cultivada por um considerável número de bons elementos.

(Continua na 6.a página)

HOJE

Torneio de Tiro aos Pratos com Taça e valiosos Prémios — Feira Franca — Ranchos e Tocatas.

(Continua na 4.a página)

Leitura da Sina

Por EME

CONTO

Eram vésperas da festa anual e começava por todo o lado o bulício da instalação do arraial e de um sem número de barracas, carroceis e divertimentos que emprestavam ao local vida e colorido, desusado mo-

vimento, uma azáfama que entretinha a populaça e era já prelúdio agradável da festa que se avizinava.

Toda a sorte de veículos ia chegando, com mais uma instalação, com mais um pequeno ou grande grupo dessa gente errante que vive das festas, romarias e feiras e que se encontra sempre nos típicos arraiais minhotos, como os tremoços ou a castanha assada, o vinho verde, a fugança ou a regueifa.

Reparamos bem num grupo de ciganos que chegava e ficou-nos a certeza de que também vinha atraído pelo arraial.

Numa velha carroça puxada a um burro só, com o cão de guarda preso à trela, seguiam dois casais com crianças de ambos os sexos e na maior amálgama de pessoas e coisas, numa confusão babilónica a que não faltava o seu quê de pitoresco.

Entrou em passo lento como que a modos de tomar ponto para um cómodo e gratuito acompanhamento (os ciganos não sabem pagar imposto de terrado), e logo a

(Continua na 4.a página)



Mago da Fé

Por EME

A prodigiosa vida de António de Lisboa encheu de maravilha tudo quanto realizou na passagem por este Vale de Lágrimas, desde criança humilde e obediente, mas já milagrosa, ao apogeu da sua gloriosa carreira de santidade, em que os prodígios se sucediam em corrente contínua como água em manso regato — como fonte de Fé em que os milagres afloram como a magia por ventura surgirá por sortilégio de vara de condão que, aliás, o Santo renega.

Será profana, comparação tão ausada, mas que Santo António nos perdoe com magnanimidade, cuja missão na terra foi efectivamente perder com amor, amar com inteligência, raciocinar com Fé, crer com humildade, impor a verdade á mentira mesmo que para isso tivesse de evocar o poder divino e dar inteligência aos irracionais para o compreenderem, crença aos ímpios para o escutarem e seguirem,

fala ao mortos para se defenderem da calúnia.

António frade, ou Fernando menino ainda de tenra idade, fazia igualmente milagres —

(Continua na 4.a página)



MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

(Continuação do número anterior)

É muito antiga a confraria de N. S. do Rosário, com irmãos de dentro e de fora, distribuídos por algumas freguesias. Também existe a do S. S. Sacramento.

O cruzeiro paroquial tem gravada no plinto a era de 1775 e o cemitério foi benzido em 9 de Outubro de 1904.

O passal, tendo sido adquirido por fregueses, dois cederam voluntária e gratuitamente as suas quotas partes, os restantes o dinheiro e isto por escritura de 31 de Março de 1922.

Em 1938 passou para a Corporação Fabriqueira.

(Continua na 4.a página)



AMARES — Um trecho da Vila

TRIBUNA AGRÍCOLA

CAMPOS E JARDINS

O Oídio da Vinha

Pâmpanos de esmeralda, verdes bagos, redondos, pequeninos, cepas grávidas de seivas potentes e fecundadoras — que promessa não vai de vinho por esse Portugal além! Faina de cavas e adubações, podas e empas — já lá vão. Mas que de canseiras ainda, em sulfatagens, em desparras, na festa (que de suores e fadigas e lágrimas quantas vezes, é toda feita) das vindimas!

O que é hoje, porém, promessa rissonha de vinho nas adegas fresquinhas pode, numa vacilação da Providência, num capricho da natureza, num descuido do lavrador, transformar-se em varas requeimadas, em parras a desfazerem-se em nódoas secas, em bagos rachados, pútridos, inúteis como uma maldição.

Dois são os grandes, os terríveis, os implacáveis inimigos da vinha: o mildio e o oídio.

O primeiro, bem conhecido e já tão falado nestas comecinhas e modestas colunas, é um mal que todo o vinhateiro conhece. Boas e oportunas aplicações de cobre, caldas bem preparadas — e o risco é mínimo, que o Homem aprendeu já a vencer a Natureza.

Um outro fungo é, porém, relativamente menos conhecido — e talvez menos cuidado e atentamente combatido: o oídio.

Fungo classificado como «*Oidium Tuckeri*» (ou *Uncinula necator* ou ainda *U. spiralis*), pertence à família das *Erisifacias*. Dada a sua vulgaridade e vasta distribuição geográfica, tem merecido ao lavrador as mais variadas designações: cinzeiro, pó, poeira da vinha, branco da vinha, etc.

É, talvez, a mais antiga praga da videira conhecida na Europa, para onde veio importada dos vinhedos americanos. Um remédio que trouxe um mal como muitas vezes sucede...

Ataca todos os órgãos verdes da videira: folhas, varas, flores, frutos, — nada escapa à actividade farnelica do ténue micélio. Nas folhas ataca uma e outra página, onde forma manchas de um cinzento muito claro, pulverulentas, de um odor a moso característico. As folhas atacadas deformam-se e as manchas tornam-se castanhas e secam, produzindo a morte da folha.

As flores atacadas, normalmente, abortam, podendo a criptogâmica causar

um desavinho acentuadíssimo e de efeitos económicos desastrosos.

No entanto é sobre o cacho que os efeitos perniciosos do fungo mais profundamente se fazem sentir. Os bagos adquirem um aspecto como que oleoso, acabando por se revestirem de uma camada poeirenta e esbranquiçada que mais não é do que o agregado dos órgãos frutíferos do fungo. Este provoca a morte das células superficiais dos bagos que, destruídas, roubam elasticidade à casca do bago. Os bagos estalam, abrindo-se a todos os germes patológicos de que a atmosfera está carregada, apodrecendo ou secando sob a ardência do sol estival.

Também os crescimentos das videiras são afectados, pois a doença atrofia e deforma os lançamentos, prejudicando, indirectamente, a produção do ano seguinte.

O micélio do fungo é epífita, septado e hialino... mas talvez ao leitor agradem palavras mais práticas, não?

Vejam os então. O oídio deve combater-se com enxofres repetidas, principalmente durante a floração e a partir desta. Para uma redução no dispêndio de mão-de-obra, convém fazer os tratamentos preventivos contra o mildio e o oídio conjuntamente, lançando mão de caldas mistas de enxofre e de cobre.

No caso de fazer separadamente as aplicações, a de cobre deve preceder a de enxofre.

O mesmo enxofre tem acção curativa — mas não faz milagres; pode impedir o alastramento da epifítia; mas não se lhe peça que anule os estragos já provocados pelo mal!

Com tempo frio e húmido deve preferir-se ao enxofre, por terem melhor acção sob essas condições, as caldas bordalesas adicionadas de permanganato de potássio, à razão de 130 gramas por cada 100 litros de calda a utilizar.

Assim, leitor esperançado, não esqueça que, se a produção dos seus vinhedos depende da vontade de Deus — não é menos verdade que o seu cuidado, o seu esforço, o seu carinho também podem contribuir muito para que o que hoje são baguitos esverdeados e acidulos se transformem em cachos coloridos, suculentos — em uvas, em vinho, em deleite dos olhos, da boca e da bolsa.

A traça da batata

O insecto, vulgarmente conhecido por «traça da batata» pode atacar além da batateira diversas plantas da família das Solanáceas, tais como, entre as cultivadas, o tomateiro, o pimenteiro e a beringela; porém, só temos conhecimento de, no nosso País, causar prejuízos na batateira, especialmente nos tubérculos.

O adulto é uma pequena borboleta com as asas ante-

riores estreitas e alongadas de cor parda com pontuações negras. A sua actividade é maior durante o crepúsculo ou de noite; de dia esconde-se no campo em qualquer sítio pouco iluminado e, nos armazéns, entre as batatas amontoadas, nas frinças das paredes, etc.

As posturas não demoram após a eclosão das borboletas. No campo, os ovos são depositados, isolados ou em gru-

pos, na página inferior das folhas junto às nervuras ou, de uma maneira geral, onde haja qualquer rugosidade; em superfícies lisas nunca são feitas posturas. Podem também ser efectuadas nos tubérculos ainda em cultura se estes se encontram em parte a descoberto ou se a penetração das fêmeas é tornada possível através da terra. Nos armazéns as posturas são sempre feitas na superfície rugosa dos tubérculos.

A incubação abrange período muito variável, conforme a temperatura; com tempo

quente demora uns 4 a 5 dias; pode porém prolongar-se por mais de 20 dias se as condições são menos favoráveis.

Nascidas as larvas, que são nesta altura muito pequenas e cinzentas, procuram alimentação nos tecidos vegetais que lhes estão mais próximos; começam por cavar superficialmente uma espécie de tubo onde se abrigam para depois devorarem os tecidos subjacentes.

A rama das batateiras pode ser assim minada pelas larvas; porém, quando a rama está preste a secar, as larvas descem ao solo e procuram profundar até aos tubérculos para nestes terminarem a sua evolução.

Nos tubérculos, a acção das larvas consiste na abertura de galerias sinuosas a partir da superfície; nestas galerias cada vez mais profundas, são lançados os excrementos, que depois são expelidos para o exte-

rior e ficam acumulados à superfície dos tubérculos.

As larvas completamente desenvolvidas têm cerca de 12 mm. de comprimento e apresentam uma coloração rosada.

Conforme a temperatura, o período larvar é mais ou menos demorado; nas melhores condições, isto é, com altas temperaturas aquele período abrange uns 12 dias; em locais frescos o desenvolvimento das larvas é muito mais lento.

Terminado o crescimento, as larvas abandonam os tubérculos e procuram local apropriado para crisalidar, como sejam as gretas das paredes dos armazéns, as pregas dos sacos ou mesmo entre a batata amontoada.

A duração do estado de crisálida é também muito variável com a temperatura; nas melhores condições é de 10 dias. Da crisálida provem um novo insecto perfeito ou borboleta que repetirá o ciclo.

O número de gerações da «traça da batata» é muito variável conforme se depreende do que indicamos sobre a influência da temperatura na rapidez do desenvolvimento dos diversos estados. Entre nós, podem verificar-se 5 ou 6 gerações nos anos de verão quente, desde Maio ou princípios de Junho até Outubro-Novembro.

AGENDA DO LAVRADOR

NOS CAMPOS — É o mês das ceifas. Preparam-se as eiras, de terra molhada e calçada a pé de gado miúdo, pois as de pedra só servem para a debulha a mangual. A carreira ou salmeja do cereal deve ser feita de madrugada até ao almoço para que as espigas se não soltem dos calmos. Fazer saclias nas culturas e nas terras baixas, semear milhos de regado, a que pode ser associado feijão frade. Findas as ceifas, proceder às surribas de Verão, que tornam as terras leves, arejadas e ricas. Regar arrozais, campos de milho e prados artificiais, utilizando para estes últimos de preferência o chorume diluído.

NOS POMARES — Continuar os tratamentos fungicidas e insecticidas, por meio de pulverizações com caldas férricas (10 quilos de sulfato de ferro em 100 litros de água). Regar, as que se acharem fracas, com adubos líquidos. Defender as fruteiras das formigas, utilizando simples cintas embebidas em sublimado corrosivo. Colher os frutos da eslação.

NAS VINHAS — Continuar os tratamentos às videiras com calda bordalesa e enxofre, pondo nestes trabalhos a maior atenção. Não se tendo executado a sacha no mês anterior, executá-la agora. Vigiar os enxertos, arrancando os rebentos dos cavalos e desbarbando os garfos.

NAS HORTAS — Semear acelgas, agriões, alfaces, azedas, beldroegas, bróculos, cenouras chicórias, couves ervacideira, feijão, funcho, mostarda, nabos serodios, rabanetes temporãos, repolhos, salsa

e tomilho. Regar os albobres e plantações com chorume diluído. Sachar frequentemente, e regar sobretudo se correr tempo seco. Capar melões, tomates, papinos e abóboras. Cobrir os morangais com palha para defesa do fruto. Libertar as plantas das pragas vegetais e animais.

NOS JARDINS — Passar os vasos de plantas de terra preta, como são as camélias, para lugar sombrio e húmido. Começar a plantação de flores nas caixas. Fazer alporques de craveiros, e eliminar-lhes os botões defeituosos, para assim se obterem flores mais perfeitas. Levantar da terra, expondo-as alguns dias ao ar livre antes de as recolher, as cebolas dos gladiolos, tulipas e semelhantes. Podem ainda semear-se ásteres, begónias sempre em flor, calceolárias, campânulas, convólculos, cosmos, espargos, gipsófilas, goivos, e miosótis.

NA CAPOEIRA — A escolha das raças depende do fim a que se destinam as galinhas. As «Minorcas» são boas para pôr, e as «Rhode Islande Red» são preferíveis para carne. A nossa galinha saloia, sendo bem seleccionada, não é para desprezar, pois apresenta boa corpulência e é razoável poedeira.

NAS ADEGAS — Não deve o lavrador descuidar o conserto das suas vasilhas de adega, reservando-se para as proximidades da vindima, quando os tanoeiros estão muito ocupados. Os arcos das vasilhas, além de grossos e de bom ferro, devem ser pintados a óleo de dois em dois anos.

TRIBUNA do CONCELHO

Deliberações Camarárias

em sua sessão de 12 de do corrente mês de Junho

ASSISTÊNCIA CLÍNICA

Da Santa Casa da Misericórdia de Amares informaram que esta Misericórdia assumiu o encargo de prestar assistência clínica à população deste concelho, durante 30 dias, mediante o subsídio camarário da importância de 1.200\$00.

HOSPITALIZAÇÃO

Foi comunicado ao Hospital de S. Marcos, da cidade de Braga, o internamento urgente dos doentes:

Maria dos Santos Ribeiro, Maria da Conceição Soares, Leonilda da Conceição da Silva e outros.

REQUERIMENTOS DE OBRAS

A Câmara concedeu as seguintes licenças para obras: Firmino da Costa Antunes, Caldelas; Joaquim Gomes da Costa Subida, Caldelas; Josefina de Jesus Dias Leite, Amares; António Luís Machado, Caldelas; Maria do Céu da Silva, Caldelas; António José da Silva, Caldelas; Manuel Machado (Herdeiros), Caldelas; João Almeida Araújo, Caldelas; Américo de Jesus Carneiro, Caldelas; João Evangelista Costinha, Bouro (Santa Maria); Dr. Avelino Manuel da Silva, Dornelas.

REQUERIMENTOS DIVERSOS

De António Luís Machado, de Caldelas, pedindo licença para colocar uma placa de reclame luminoso, com faces de plástico, em frente da sua Pensão, com os seguintes dizeres: «Pensão Ideal».

DELIBERAÇÕES DIVERSAS

Lançamento de derrama para fins assistenciais.
Cobrança do Imposto de Trabalho, a efectuar no mês de Outubro.

Agradecimento

A Comissão de Festas de Santo António encontrou o melhor acolhimento da parte do Ex.mo Senhor José Augusto de Almeida, proprietário da Casa do Rios, no pedido que foi feito a este abastado proprietário. A oferta constou de um pinheiro no valor de quinhentos escudos e que se destina a obras a efectivar no Parque de Jogos desta Vila.

Para o Ex.mo amigo e benemérito, sempre tão presencível para acções desta natureza, os melhores agradecimentos desta Comissão.

Novos assinantes

Pelo Senhor Alfredo Antunes, da freguesia da Torre, foi-nos indicado para novo assinante o Snr. Domingos Carmo da Silva, ausente no Canadá.

Também pela S.nra Maria Madalena Ferreira Gonçalves, residente em Lisboa foi-nos indicado para assinante o Snr. Armando Rodrigues de Almeida, actualmente residente naquela cidade.

Com muito gosto fizemos as suas inscrições, e lhe enviaremos o próximo número.

BESTEIROS

Operação

Por estes dias, vai ser submetido a uma melindrosa operação num dos melhores Hospitais da Capital, o menino Luiz Antunes Gonçalves, extremoso filho do Senhor Dr. Eduardo Gonçalves, desta freguesia.

Fazemos votos a Deus e rezamos confiadamente para que seja feliz e a operação seja coroado do melhor êxito.

Baptizado

Foi baptizado nesta Igreja paroquial o menino de Besteiros, Francisco José de Abreu, do lugar do Areal, sendo padrinhos o Senhor Dr. Tomás Gonçalves de Andrade e sua esposa a Senhora D.ª Idalina de Andrade, da «Casa de Santo António», desta freguesia.

Ao neófito, à sua família e seus bons padrinhos, desejamos as maiores venturas e felicidades.

Festividade

Nos próximos dias 25 e 26 do corrente mês de Junho vai realizar-se, como nunca, a festividade do nosso glorioso Pa-

Patronato de Santa Filomena



Mimoso Lima, de Santa Marta de Portuzelo, Viana do Castelo. Presentemente, estão inscritos nos livros da Arquiconfraria de Santa Filomena, 3.607 associados. Se todos quizessem...

Se todos os associados nos enviarem uma esmola, ainda que pequena, o Patronato triunfará.

Ontem, recebemos mais os seguintes donativos:

D. Arminda de Jesus Machado—Regato—20\$00; Alme-rinda Peixoto—Figueiredo—5\$00; Almerinda de Oliveira—Fi-gueiredo—7\$50; Amélia de Matos—S. Paio de Pousada—5\$00.

Migalhas, e pão.

O Secretário

Melhoramentos

Acaba de ser levada a efeito uma obra digna da Vila e que merece todos os elogios, não só pela utilidade que prestará ao Largo do Dr. Oliveira Salazar, onde semanalmente se realiza o concorrido mercado da Feira Nova, mas também pela rapidez com que foi levada a efeito.

Em 15 dias vimos edificadas boas instalações sanitárias subterrâneas, ficando assim remediada uma falta, para a qual, por várias vezes este semanário chamou a atenção e se bateu pela sua realização.

Muito mais há a fazer neste Largo, mas irá lentamente, porque sabemos que a boa vontade na administração do Concelho de Amares é actualmente um facto.

A reforma dos candieiros da iluminação pública é outra medida que merece louvor, visto que desde há muito se encontravam em completo abandono. Agora deu-se-lhe ar mais moderno, que empresta à

droeiro—S. Paio—com o Sagrado Lausperene Eucarístico. O programa, que vai ser completo, está a elaborar-se e será publicado oportunamente.

O povo, entusiasmado e unido, concorrerá com as suas esmolas e sobretudo com a sua presença, para alguns melhoramentos, para o esplendor dos actos do culto, prestígio da sua terra e aumento da sua fé.

Todos à uma; a união faz a força...

Num só coração, numa só alma...

Últimamente entraram para a Arquiconfraria de Santa Filomena, os Ex.mos Senhores:

D. Amélia Rosa da Silva Coutinho, de Lisboa; José Araújo de Andrade e Maria Izaltina Araújo de Andrade, de Portela; Maria de Fátima Machado, de Carrazedo; D. Aurora Celeste Chimenes Cerqueira e José Maria Ferreira da Cunha Cerqueira e Maria Felizarda Chimenes Mimoso, da importante Quinta da Casa Grande, da freguesia da Seara, Ponte do Lima; e Ernestina

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Ontem—O Snr. António da Costa Martins e o Snr. António Joaquim Cerqueira.

Hoje—O Snr. Domingos J. Correia Portela.

Sexta-feira—O Snr. Tomé Silvério Gonçalves Macedo.

HUMORISMO

Criados Diligentes

Um patrão perguntou a um dos criados.

—Que estás fazendo, João?

—Nada, senhor.

—E tu, Pedro, em que te ocupas?

—Estou ajudando o João, Snr. patrão.

Indecisão

—Eu não sei o que hei-de oferecer a minha irmã no dia do seu aniversário.

—Oferece-lhe um livro.

—Ela já tem um...

Os pescadores também mentem...

O primeiro pescador: — Um dia pesquei um peixe tamanho, que foram precisos dez homens para arrancá-lo da água.

O segundo pescador: — E eu, um dia apanhei um tão grande que o mar baixou um metro quando pusemos o monstro na praia.

Génerosidade

—Quer um refresco?

—Aceito com todo o gosto...

—Nesse caso, vou mandar abrir... a janela.

Lêde e assinai
«Tribuna Livre»

Aos Ex.ºs Assinantes

Está em cobrança o primeiro semestre da assinatura do nosso jornal, do corrente ano.

A fim de debelar as despesas que temos de arcar com a cobrança pelo correio, pediamos a todos o obséquio de, durante o mês corrente, efectuar o seu pagamento, por vale ou selos do correio, contribuindo assim para a continuação deste paladino, defensor dos interesses do concelho.

Aproveitamos a oportunidade de lembrar, mais uma vez, aos atrasados, o favor de nos remeter as suas importâncias em débito, o mais urgente possível, evitando que lhe seja suspenso o jornal.

De todos esperamos o melhor acolhimento.

A Administração

Companhia de Seguros "ATLAS,"

Efectua seguros em todos os ramos. No seu próprio interesse consulte as condições que esta acreditada companhia lhe oferece, por intermédio do seu agente nesta Vila Snr. Manuel Gonçalves da Silva.

Efectue hoje mesmo, os seus seguros.

MONOGRAFIA DO CONCELHO

(Continuação da 1.ª página)

Tem no cartório paroquial dois maços com os Capítulos das Visitas, o 1.º com abertura em 27 de Setembro de 1654 e encerramento em 29 de Dez.º de 1744; o 2.º começa nesta data e o capítulo da última visita feita em 18 de Abril de 1940.

Existe ainda o «Livro do Tombo» com a 1.ª data de 18 de Julho de 1694; também o «Livro dos Títulos e Constituições Sinodais de Braga, de 1697.

São da freguesia as capelas: de *S. Bento* das Pedras, do lugar do mesmo nome, com altar renascença; a de *S. to António* do Pilar, que consta ter sido antigamente de *S. Sebastião* e já referida em Carrazedo, por ser *meeira*.

De particulares: a de *N. Senhora da Aparecida* e principalmente a de *NOSSA SENHORA DA GUIA*, da Casa da Tapada, a qual tem sobre a porta a seguinte inscrição:

ESTA CAPELLA MANDOU FAZER
FRAN.CO DE SAA DE MENEZES
1618

Estão nela sepultados, além do seu edificador, alguns outros senhores deste solar fidalgo que o nosso glorioso poeta levantou desde a primeira pedra e com tão esmerado carinho vinculou a sua descendência.

Não se pode deduzir que uma boa estrela tenha presidido aos mais lútos e louváveis desígnios do seu instituidor, ao considerar que desde logo e entre outros o acontecimento mais funesto veio toldar todas as esperanças e amargurá-las sem remédio, que não fosse o da suprema conformação de que o grande moralista se deixava possuir e repartia ainda com a esposa e mãe saudosa do filho perdido tão longe da vista, lá nas plagas africanas.

O primogénito Gonçalo Mendes de Sá finou-se em Ceuta, no monte da Condessa, trucidado pelos mouros, na companhia de 300 Portuguezes, vítimas de uma emboscada que lhes armou o alcaide de Tetuão com 3.000 dos seus, a 18 de Abril de 1553.

A Providência põe aos ombros de cada um a soma de contrariedades, de sofrimentos e provações que se medem com a própria resistência e posses. O carácter extraordinariamente rígido e austero de Sá de Miranda foi duramente experimentado, mesmo no seu natural talento e vaidade *homem de alto e heroico entendimento* como o tratavam os que reclamavam de D. João III que o chamasse ao seu serviço *para os livrar de tantos ladrões, porque o povo pagava e os almoxarifes roubavam*.

Mas Sá de Miranda não arredou pé do seu voluntário retiro, do seu apetecido ermitério da Tapada: nele, não teve qualquer influência a vã cobiça do poder. Limitou-se a observar de lá, cheio de desolação, os males que afligiam a sua época e faziam prever a próxima ruína.

Neste particular, ninguém interpretou melhor o sentimento expresso na vida e obras do Poeta que o prof. Rodrigues Lapa, ao prefaciá-lo e anotar, em 1937, a sua última edição.

Após uma análise do seu alto mérito e valor literário, acrescenta:

«Mas há mais: Sá de Miranda vai mais longe e por isso o sentimos actual e superior ao seu meio e à sua época: ele afirma a igualdade perante a lei encarnada no Soberano, põe na sua obra uma paixão de justiça social, raríssima nos homens do seu tempo, aqueles homens «de bom saber», de quem se ria Gil Vicente. Vivendo na aldeia em meio dos pobres camponeses, Sá de Miranda observou-lhes a vida de trabalhos e misérias. Não há nele, como nos demais humanistas horacianos, o desdém pelo povo, a aristocrática indiferença pelas suas dores. Há, sim, o desprezo por tudo quanto é reles e vulgar; ora para aquele homem justo, fervoroso pelo bem comum, o povo trabalhador e humilde não era uma coisa vil, antes pelo contrário representava o verdadeiro sustentáculo da Nação, que era preciso defender contra a prepotência dos grandes e contra os abusos do fisco. Sob este aspecto, na compreensão do fenómeno social, nenhum dos seus contemporâneos se elevou a tão grande altura.

Esta paixão da justiça, e o exemplo da virtude realizada, acarretaram a Sá de Miranda enorme prestígio em vida. . . .»

Pois pode afoitamente decidir-se que também o é igualmente depois da morte: Sá de Miranda foi daqueles homens raros que a Providência destinou que fosse espelho e exemplo de seus concidadãos; o alcance e a extensão sem limites, que o reflexo e a projecção dos actos mais notáveis da sua vida em pensamento e atitudes podem atingir, são humanamente incomensuráveis!

(Continua na 4.ª página)

Mago da Fé

(Continuação da 1.ª página)

parecia ter nascido para exercer a Fé, ante a qual: obedecem as aves da seara e sujeitam-se ao encurralamento voluntário que lhes roga, para lhe permitirem respeitar as ordens do Pai e ao mesmo tempo servir a Deus no culto

que era hábito render-lhe; os peixes ouvem atentamente a palavra de Deus que os homens desprezam; a alimária curva-se perante a Eucaristia e despreza o alimento que o estômago reclama; a bilha, inerte, anima os fragmentos, un-

se e volta cheia à cabeça da dona, antes allita e agora jubilosa.

Camartelo de herejes, terror do demónio, amparo dos fracos, escudos dos fortes, esteio dos crentes, refúgio dos incrédulos, Santo António prossegue no caminho do bem, com Fé na alma e amor no coração, pleno de amor a Deus e de caridade pelo próximo, devorado pela ânsia de apostolado e ardente vontade de levar Cristo às consciências.

Humilha-se e brinca como criança descuidada ao afagar, cheio de gozo, em seu regaço, o próprio Deus Menino; arrebatado na tribuna em defesa do Pai ou empolga no púlpito, à beira-mar, na montanha ou na rua, em eloquência jamais vista, as massas que o escutam presas à fluência do verbo que, de si, é já o milagre da palavra.

Santo António é instrumento vivo da Lei de Deus, que irradia a verdade evangélica com tal magnitude, com tal sapiência, que o Papa consulta-o e reconhecendo-lhe raro valor, o proclama Doutor da Igreja.

É honra nacional ter saído da raça lusitana um homem tão santo como genial, tão português como universal!

É conhecido como um dos três Santos mais populares e o povo aceita-o, muito particularmente, na sua devoção e implora-o nas aflições de cada dia ou de cada hora: as noivas recomendam-lhe um bom marido e quando também é António vêem nele outro santo; os pobres pedem-lhe pão e os ricos a guarda de seus haveres; o lavrador roga-lhe amparo do gado e o comerciante o da fazenda; a indústria entroniza-o e o exército leva-o à guerra e promove-o a postos elevados do oficialato.

Santo António entrou no coração dos portugueses para ser amado, respeitado, honrado, temido e festejado como nenhum outro santo português, grande entre todos e talvez maior para os amarenses que o estimam e festejam como merece.

Honra a Santo António e a nós amarenses, que o honramos!

EME

LEITURA DA SINA

(Continuação da 1.ª página)

seguir, sem hesitação, perderam-se numa ruela, certamente guiados pelo instinto, ou melhor, por uma longa prática que os faz adivinhar o sítio mais próprio para um cómodo e estratégico pouso.

* * *

No dia seguinte a festa animou-se, o arrabal regoitava de povo, o fogo estragia no espaço, a música irradiava em cheio; toda aquela fábrica de estúrdia funcionava no auge e as ciganas que haviam visto de véspera operavam o seu negócio—liam a sina ou pediam simplesmente esmoia, cada qual com o seu filho de tenra idade preso à ilharga, de modo a deixar-lhes os movimentos livres para o seu trabalho. Donairas (apesar de mães) cabelo empastado de azeite, liso e fazendo virgula ao canto da orelha, trajo garrido em que as cores vivas sobressaiam e lhes realçavam a tez morena, cintura elegante e formas bem feitas, lá iam tentando, de um modo especial, os pares de namorados para a previsão de um futuro próspero, cheio das mais fagueiras promessas de amor.

Quem esquecerá esse típico pormenor da leitura da sina em festas e romarias, feiras e mercados, causa de tantos sonhos em que a mocidade se deixa embalar?!

* * *

Ali perto, uma sadia moçona estendeu a mão calosa à cigana adivinha e junto olhava-a, sismador, o namorado que ouvia a história da sua bem amada.

Trocou a certa altura o

enamorado par uma olhadela sorridente em que transparecia a ternura.

Certamente que para o futuro, aquele furtivo encontro ficaria na vida daquele casal como acontecimento importante de todos os seus dias, como amorosa recordação, como promessa embaladora de uma existência repleta de felicidade, a suggestionar estas almas propensas ao amor, gémeas da sorte que as esperava numa união conjugal de juramento eterno.

E ainda não havia terminado o rosário de promessas profetizadas à moçoila, que valiam ouro, e já uma, outra cigana segurava a mão masculina do rosauo lavrador que lhe abandonava com a mesma supersticiosa crença de felicidade da sua namorada, como que hipnotizado por tanta arte de ler no futuro.

Fazia sismar a ingenuidade deste casal e a habil sedução destas profissionais da sina, todos enquadrados no desempenho de um papel que faz parte do teatro da vida das nossas romarias e feiras.

E tudo findou com troca de novos olhares ternos entre os namorados e a passagem solene de magros tostões às mãos das ciganas; findou este colóquio, enebriante, que nimbou duas almas, que entrelaçou duas vidas, que uniu dois destinos, que encheu mais ainda os corações de dois amantes a rebentar de ilusão—de tanta ilusão que não bastará uma vida de dura realidade para extinguir tanta fantasia e tanto sonho.

EME

PENSÃO SILVA DE VIÚVA DE MANUEL FERREIRA DA SILVA



Avenida Afonso Manuel

ÓPTIMO SERVIÇO COM
E SEM DIETA
BONS APOSENTOS
SALA DE JANTAR COM
O MÁXIMO ASSEIO
ÁGUA CORRENTE
QUARTO DE BANHO
AGRADÁVEL ESPLANADA,
A MAIS PRÓXIMA
DAS ÁGUAS

Termas de Caldelas

TELEVISÃO

TELEVISÃO

Se estiver interessado em instalar a

TELEVISÃO

requisite-nos uma experiência gratuita

Visado pela Censura

Bilhetes - Cartas de Angola

XL

Amável Pedro Lucas:

A morte que me anunciaste, há meses, do nosso amigo J. Silva penalizou-me.

A última vez que o encontrei foi no lugar do Paço, em uma tarde tépida de Abril. Era um velho simpático, de rosto descarnado, olhar lânguido, vacilante no andar, trémulo na sua bengala e aflitivo na bronquite asmática que o minava, ao qual a vida dura de muitos Janeiros atirara chapadas de cal aos parietais.

Embora sorridente na satisfação de me ver e ouvir, o seu riso era o da tarde da vida e trazia a penumbra do inverno e as cores do sol posto.

Gostava deste velhinho porque foi um pedreiro honrado e trabalhador.

Era eu rapaz azougado — como rapazes fomos todos nós — e consertava ele as calçadas do caminho do monte. Pois, à tardinha, ao largar do trabalho, costumava pedir-lhe pedrinhas de pólvora de pedreira, que ele tão sollicitamente me oferecia e que eu, às furtadelas (não fossem meus pais — que Deus conserve — colherem-me em flagrante exercício de pirotécnica) queimava, no largo do lugar, com o gáudio do rapazio, divertindo-nos com as co-

res das chispas que despedia em todos os sentidos.

É bem verdade: «o bem lembra sempre e o mal nunca esquece»...

Desejo paz à sua alma!

Mas, meu caro Lucas, também se morre no mar. Por mera casualidade surpreendi alguém a transmitir ao Sacerdote que nos acompanhava um pedido de uma senhora lisboeta. Tinha ela uma filha única que estremeia e era o enlevo do seu viver. Mas a morte, sempre traiçoeira, escolheu de preferência a passagem do equador, para ceifar a vida desta jovem idolatrada. E, esta pobre mãe, desolada na sua dor e ainda mal refeita da perda incalculável deste pedaço de sua alma que era a luz dos seus olhos e o amor do seu coração e que, por isso, não cessava de chorar, suplicava ao Missionário para, precisamente, adobrar este círculo, rezar uma missa, ou ainda ciciar uma prece, ou pelo menos ter uma lembrança piedosa em sufrágio daquele laço esfarrapado de seu sangue.

Assim aconteceu. Nessa manhã e nessa ocasião foi celebrado o Santo Sacrifício por esta intenção.

Paz à sua alma bem como às almas de tantos outros para quem o fundo do mar se ofereceu

RECORTES

Secção de ODEGAM

A CARIDADE

«Ser caridoso», é ter, dentro do peito
Um tribunal aberto à luz dos factos,
Onde, os alheios, como os próprios actos,
Julgados sejam com igual direito;

«Ser caridoso», é ter humanos tratos
De puro amor, e ter, como preceito,
A outrem só fazer o que, se feito,
A nós, por outrem, nos tornasse gratos;

«Ser caridoso», é ter a alma bem cheia
De piedade; sentir a dor alheia,
Por pequenina e fraca que ela seja;

«Ser caridoso», é dar ao inimigo,
Perdão das faltas que ele traz consigo
E do mal que nos quer ou nos deseja.

LIMA RODRIGUES

Assinai e propagai A «Tribuna Livre»

para cemitério, desde os alvares das nossas descobertas.

Para todos esses e também para os nossos o Eterno Descanso e para ti o abraço vivo de sempre.

Boa-Fé, 8 de Junho de 1958.

Gonzaga da Cruz

TELEFONES MAIS UTEIS DE AMARES

BOMBEIROS V. de Amares . . .	62113
	62141
Câmara Municipal de Amares . . .	62121
Casa de Saúde de Amares . . .	62122
Correios Amares	62116
Caldeias	65116
Delegação de Saúde	62145
Amares	62127
Farmácias Feira Nova	62124
Bouro	3863
Caldeias	65121
Guarda Republicana — Amares	62115
Hospital S. Marcos — BRAGA	18
Amares	62120
Feira Nova	62117
Bouro	3867
Postos Públicos Caldeias	65120
Entre Pontes	7119
Goães	3862
Rendufe	7117
Sequeiros	65137

Uma revista para os nossos leitores

Acaba de sair o n.º 25 da Revista «A Cooperação», interessante órgão de cultura, informação e de actividades económicas.

O presente número insere boa e variada colaboração distribuída por numerosas secções, nomeadamente Indústria, Comércio, Agricultura, Ultramar, A Bandeira Branca, Desportos, Transportes e Turismo, Filatelia, Jornal, etc. Entre outros artigos de grande interesse salientamos as considerações sobre o II Plano de Fomento, a entrevista com o Presidente da Câmara de Alijó e a página «Aqui Alentejo» de Maria Rosa Colaço.

«A Cooperação» é uma revista que embora dedicada especialmente às actividades económicas e aos problemas da técnica, pela diversidade dos assuntos que apresenta interessa a toda a gente.

Durante um curto período de tempo, as pessoas que enviarem à redacção de «A Cooperação» (Rua Torgo, 13-r/c. Lisboa) QUATRO selos de um escudo, INDICANDO QUE SÃO LEITORES DO JORNAL, receberão imediatamente, sem mais encargos, o último número daquela revista, e por ele podem avaliar o interesse e a oportunidade dos seus artigos e reportagens.

TELEFONES DOS BOMBEIROS DE AMARES

62113 e 62141

Folhetim da Tribuna Livre,, 74

SEMPRE NOIVOS

Por Porfírio de Sousa

(Recordações do Minho — Usos e costumes)

Por fim a rabiça é entregue a um rapaz novo, solteiro, que vai mostrar, publicamente, a firmeza dos seus pulsos, a sua agilidade e habilidade.

A gentil boieira, que é a mesma que conduz o gado pela sogá, de tempos a tempos, garganteia a boiada.

Todos os presentes, em cântico, bradam incitamento ao gado: Ei boi, lá ei... Arriba piscol... Puxa cabano!... Vamos embora, pereiro!...

Nesse momento o tangedor dos bois entra em efectiva acção e procura, com o gado a correr, tirar a rabiça das mãos do lavrador ou, pelo menos, levantar a aiveca do sulco e arrastar a charrua, sem direcção, pelo campo.

Se o lavrador não tem a firmeza e a habilidade necessárias, para manter constantemente a charrua no seu lugar, é estrondosamente vaiado, assombiado e apupado; se, porém a conduz com firmeza até ao fim do tempo estipulado, ou número de regos, como previamente havia prometido à namorada, é ovacionado, aplaudido e abraçado com intensa satisfação por todos os camponeses e camponesas.

A «conversada» que, geralmente, está sempre presente e toma parte activa na lavoura e nas manifestações de regosijo, oferece-lhe, com todas as prexes adoptadas, em pleno campo, um lindo ramo de flores artificiais, guardado a cambraia, e o herói, radiante de alegria — e que já contava de de atenção com o precioso prémio das mãos da sua «Elvira» — agradece-lhe, publicamente, queimando, em sua honra, uma dúzia de bom fogo, que sobe ao ar a anunciar aos quatro ventos a sua vitória e a oferta que simboliza a mais elevada prova de amor e de carinho.

A rabiça passa, sucessivamente, de mão em mão.

De vez em quando soa uma assurreada encurdecadora ou ouve-se uma apoteótica e estrepitosa salva de palmas, seguidas de dúzias de fogo que sobe ao ar.

O sol está a pino e os seus dardejantes raios queimam, obrigando os camponeses a transpirar abundantemente; o José, que dirige os trabalhos da lavoura exulta de imensa satisfação pela alegria que reina no campo.

— Oh! Maria Teresa!

Manda a Margarida ou a Adozinda, buscar vinho, da cuba do canto, para levar as guelas dos rapazes e afinar as gargantas das raparigas.

O António Pedro, um mocetão alto, forte e espadaúdo, que havia sido o primeiro herói do dia, ao ouvir as ordens do patrão, gritou a plenos pulmões:

— Viva o Zézinho e «mai-la» senhora Maria Teresa que mandaram buscar «binho do bô»!

— Vivam! — responderam todos com alegre vivacidade.

Dentro de pouco tempo as enfusas, cheias de espumoso e saltitante vinho verde, foram vasadas para as malgas que principiaram a andar de mão em mão, a lavar as guelas e a afinar as gargantas...

— Eu não preciso de malga — dizia uma divertida e linda camponesa — pela enfusa não se bebe pior... e mato melhor a sede!

O espirituoso da donairoza e engraçada moça foi coroada por uma explosão de sonoras gargalhadas da assistência.

Depois daquela rodada de capitoso nectar, as raparigas, como que electizadas, exteriorizaram sua alegria com hilariantes descantes.

A segunda fase da lavoura estava concluída e as leivas devidamente esterroadas e picadas.

São duas horas.

É a hora de merenda.

Durante o repasto, rapazes e raparigas, em íntima camaradagem, conversam, riem e contam histórias tão picarescas que eram capazes de fazerem corar as nossas bisavós.

Finda a refeição, que fora servida no campo, à sombra de uma enorme e frondosa carvalha, as criadas levantaram a mesa e deixaram o lugar livre, onde os rapazes e raparigas, ao som dos instrumentos, dançaram e cantaram ao desafio, enquanto os bois, deitados, comiam e descansavam à sombra.

(CONTINUA)

FESTAS DA VILA

MONOGRAFIA DO CONCELHO

(Continuação da 4.ª página)

Continuação da 1.ª página

Concurso Pecuário

Cerca das 14 horas reunirá o júri para começar os trabalhos de apuramento para a conferência dos prémios a entregar aos melhores exemplares expostos na Feira Franca de Santo António, organizada pelo Grémio da Lavoura de Amares e colaborada pela C.U.F., que além dos prémios já anunciados, distribuirá pelos premiados artigos de reclame dos seus produtos. Esta contribuição dá ainda mais interesse ao já importante concurso pecuário enquadrado nas Festas da Vila. A comissão não se poupou a esforços para que este número de grande interesse, se revista de utilidade para a lavoura e ao mesmo tempo de significativa importância para as Festas.

dendo às facilidades e gentilezas recebidas por S. Ex.ª o Senhor Presidente da Edilidade Amarense, presta-lhe esta modestíssima homenagem, mas com sentido significado de gratidão.

Ranchos e Tocatas

E' hoje que à noite se exibem os ranchos e tocatas, como circunstanciadamente se faz já referência a este excelente número do programa. Espera-se que este ano transforme o arraial da noite de 14 de Junho, em autêntica Noite Típica Minhota, como é denominada.

Em palco próprio far-se-ão exhibir os vários grupos de ranchos ou os das simples, mas não menos típicas tocatas, formadas espontaneamente do povo, sem qualquer preparação especial, para que tudo seja

pela importância dos concertos musicais, pelo deslumbramento do seu fogo de artifício, pela variedade de todo o seu programa, onde não faltam provas desportivas de grande interesse, como ciclismo e tiro aos pratos, e pelo cenário atraente deste lindo rincão minhoto, que é a Feira Nova de Amares.

Amanhã dia 15

Apesar da nota saliente do grandioso programa do dia 14, será no Domingo, último dia da Festa da Vila, que o arraial regurgitará de povo, como de costume, numa manifestação de alegria e cor como em poucos outros arraiais, se poderá ver.

A tarde e a noite deste dia vale a pena ser vivida no Grande Largo da Feira Nova, ricamente engalanado, exuberantemente iluminado, com divertimentos de todo o género, com

concertos musicais primorosos entre as Bandas de Amares e Vila Verde, sempre dispostas a queimar os últimos trunfos do seu saber nesta competição que poderia classificar-se, sem cair em absurdo, de «rivalidade amiga».

Neste «mare magnum» de gente que se diverte, uns com modéstia, outros no ruído alarido das pistas e carroceis, mas todos a seu modo, há sempre onde escolher; e chegada a noite, o cenário muda com os efeitos de luz e as sessões de fogo de artifício, a entrar na madrugada do dia seguinte.

Quem veio uma vez a esta magestosa Feira de Alegria, não deixará de voltar porque fica prezo pela saudade de viver dias tão agradáveis—para muitos, talvez os melhores da sua vida.

Jerônimo de Sá e Azevedo, único filho restante, casou com D. Maria da Silva, filha também única e universal herdeira de Francisco da Silva de Menezes, senhor do Paço de Ninães. etc.

Francisco de Sá de Menezes (Sá de Miranda instituindo o morgado, deixou expressa em testamento a vontade de que seus descendentes se chamassem «de Sá») casou 1.ª vez com D. Antónia de Carvalho de Monterroio, de quem enviuvou.

Sobrevindo grave enfermidade, foi frei Anselmo da Conceição, D. Abade de Rendufe, quem escreveu o testamento que ele ditou (13 de Set.º de 1592).

Casou 2.ª vez em Ponte do Lima (1602) com D. Violante Teixeira, de que não houve filhos. Da 1.ª ficaram dois filhos e uma filha.

Jerônimo de Sá de Menezes, casou em Refojos do Lima com D. Inês Pereira Barbosa.

Na guerra da Aclamação prestou relevantes serviços a D. João IV, em companhia de seu sobrinho Vasco de Azevedo Coutinho.

Também governou Entre-Homem e Cávado durante dois anos.

D. Brites da Silva e Menezes, snr.º do Paço de Ninães, sucedeu ao anterior; casou com Diogo de Azevedo Coutinho, do solar de Azevedos e era o décimo senhor de S. João de Rei e Terras de Bouro.

Encontrava-se preso em 1640 e foi tamanha a alegria que sentiu ao recuperar a liberdade e ver restaurada a independência da sua Pátria, que enlouqueceu de contentamento e refugiava-se na torre da igreja, a repicar constantemente os sinos, de que só obrigado largava a corda... belo motivo para um tema de exaltação patriótica.

Vasco de Azevedo Coutinho, casou com D. Luísa Inácia Coutinho.

Ocupou com distinção os cargos de Fronteiro-mór e Governador das Armas da Portela do Homem; foi Mestre de Campo de Infantaria, prestando relevantes serviços nas Guerras da Restauração.

Foi o undécimo donatário de S. João de Rei e Terras de Bouro, que continuaram na Casa da Tapada.

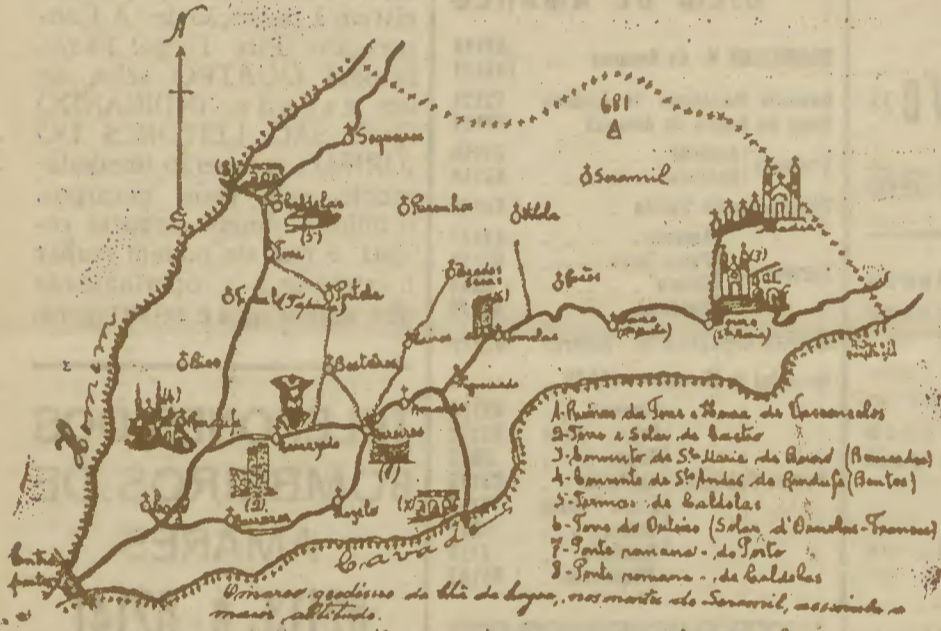
O Conde da Ericeira refere-se-lhe no «Portugal Restaurado».

Teve grandes questões com o Marquês de Montebelo por causa da Pescaria em *Pego Negro*, de que resultou a morte de Francisco de Sousa Machado, ocorrida em 1674, o qual era da Bornaria; e ter-se-ia travado grande batalha, pois juntaram-se os parentes e amigos de cada uma das partes, se não fosse a pronta intervenção do governador da Província, como se diz ao tratar-se de Santa Marta de Bouro.

Rodrigo de Azevedo Sá Coutinho, casou em Pontevedra com D. Maria Manuela Mosquera de Sotomaior; procedeu a grandes melhoramentos na Tapada, mas deixou-a sobrecarregada de dívidas.

Seu filho mais velho, o Coronel Vasco Luís de Azevedo Sá Coutinho, foi morto em Pego Negro, a tiro de barcamarte, por Gaspar de Freitas de S. João de Rei, durante uma pescaria realizada no dia 12 de Agosto de 1719.

(Continua no próximo número)



Carta topográfica do concelho de Amares

Dispensamo-nos de mencionar aqui a extensa lista de prémios, em número de 22, por já terem sido publicados no número anterior deste semanário. Espera-se que a lavoura compreenda o valor desta iniciativa e corresponda ao esforço despendido em seu favor, trazendo o seu gado garridamente enfeitado e com as respectivas chamadeiras em traje regional, o que empresta brilho a este apreciado número dedicado à lavoura de Amares.

Tiro aos Pratos

Pelas 15 horas dar-se-á início a esta prova de grande interesse desportivo e que será também uma nota acentuadamente fidalga na Festa da Vila, pela selecção das pessoas que costumam intervir em provas desta natureza e pela afluência que trazem ao seio da Festa, na tarde deste dia 14, já movimentado pela concorrência à Feira Franca.

Além dos prémios já anunciados, no número anterior deste semanário, será concedida, ao primeiro classificado, a Taça Presidente da Câmara Municipal de Amares.

A Comissão de Festas, aten-

mais genuinamente folclórico.

Junto à Barraca de Chá, em que não só chá ali se toma, mas tudo o que se requirite da sua variada ementa, será instalado o palco, por forma a que se possa proporcionar boa visão aos frequentadores da barraca e ao mesmo tempo possam ser apreciados livremente pelo público.

Serão atribuídos os seguintes prémios aos grupos que se xibirem:

RANCHOS	
1.º	250\$00
2.º	150\$00

TOCATAS	
1.º	150\$00
2.º	100\$00

Carroceis, pistas, torre voadora, barracas de tiro, etc.

Notou-se este ano especial interesse dos proprietários de toda esta série interminável de divertimentos que aqui se deslocaram em toda a variedade, dando grandiosidade às festas, já de si grandes pela afluência extraordinária de forasteiros, pela sumptuosidade das cerimónias religiosas, pela selecta escolha dos seus números, pela cor e fe ricas efeitos das ornamentações e iluminações,

CONDIÇÕES de assinatura

(pagamento adiantado)

Continente e Ilhas

Semestre	25\$00
Ano	50\$00

Ultramar e Brasil

(Por avião)

Semestre	91\$00
Ano	182\$00

(Via marítima)

Semestre	40\$00
Ano	80\$00

Estrangeiro

(Por avião)

Semestre	115\$00
Ano	230\$00

(Via marítima)

Semestre	60\$00
Ano	120\$00

LISTA DE NOVOS ASSINANTES

Proseguindo na campanha de valorização do nosso Semanário, vamos enviar aos actuais assinantes listas para indicação de pessoas que tenham possibilidade de vir a ser futuros assinantes.

Muito se agradece o preenchimento e devolução dessas listas, de grande valor para a expansão deste mensageiro do Concelho de Amares, que muito honra a terra e que só com o auxílio de todos poderá perdurar e engrandecer-se.

Mas pede-se, sobretudo, a máxima diligência no pagamento das assinaturas que, como é prática em todos os jornais, se faz adiantadamente.